



Informativos Eletrônicos  
do Setor Elétrico

ISSN 1678-6130



GESEL

Grupo de Estudos do Setor Elétrico

UFRJ

## Saúde no centro dos debates da COP30<sup>1</sup>

Sidney Klajner<sup>2</sup>

A 30ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP30) representa uma oportunidade histórica para colocarmos a saúde no centro das discussões sobre a crise climática. Até aqui, os debates sobre metas de descarbonização, proteção de ecossistemas e transição energética, temas absolutamente cruciais, têm sido frequentemente tratados de forma dissociada do impacto direto e crescente que as mudanças climáticas têm sobre a saúde humana.

Apesar de a Organização Mundial da Saúde (OMS) ter preparado documentos a respeito na esteira de diversas conferências do clima, a saúde só começou a ganhar espaço formal na agenda de discussões da COP 26, durante a qual foi lançado o “Health Programme”, com iniciativas para fortalecer os sistemas de saúde e torná-los mais resilientes ao clima. Posteriormente, foi criada a Aliança para Ações Transformadoras em Matéria de Clima e Saúde, liderada pela OMS para transformar compromissos em ação prática.

Mas apenas na COP28 teve, pela primeira vez, um dia dedicado ao tema. Na ocasião, mais de 120 países assinaram um documento reconhecendo os impactos da crise climática na saúde e a importância de sistemas de saúde mais resilientes. Foi um avanço simbólico importante. Mas quem esperava novos passos na COP29 sofreu uma reversão de expectativas.

Enquanto isso, dados se multiplicam projetando cenários sombrios se nada for feito. A OMS prevê que, entre 2030 e 2050, ocorrerão 250 mil mortes adicionais por ano associadas a desnutrição, malária, diarreia e estresse por calor. Já um relatório do Fórum Econômico Mundial divulgado em 2024 fala em mais de 14,5 milhões de mortes até 2050 relacionadas com as mudanças climática e um ônus adicional para os sistemas de saúde de US\$ 1,1 bilhão. Os números variam conforme as fontes e os focos dos estudos, mas todos nos convidam a agir já.

É preciso reconhecer de uma vez por todas que, para o bem ou para o mal, clima e saúde se entrelaçam. E o que temos visto é a face negativa desse laço. Aqui no Brasil, um estudo da Confederação Nacional dos Municípios estimou prejuízos da ordem de R\$ 700 bilhões em desastres urbanos climáticos nos últimos 12 anos, considerando apenas perdas materiais e reconstrução. Mas qual o custo das vidas afetadas?

Doenças transmitidas por vetores, como dengue, zika e malária, crescem nos lugares habituais e chegam a localidades onde não ocorriam. Enfermidades respiratórias aumentam com a poluição e as queimadas, e as cardiovasculares, com as ondas de calor. Enchentes, como as que vimos no Sul no ano passado e que ainda continuamos a ver neste ano, fazem vítimas de traumas, dos surtos que se seguem (como a

<sup>1</sup> Artigo publicado em Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/opiniao/coluna/saude-no-centro-dos-debates-da-cop30.ghtml> Acessado em 11.08.2025

<sup>2</sup> Presidente do Einstein Hospital Israelita e porta-voz do ODS 3 (Saúde e Bem-Estar) do Pacto Global da Organização das Nações Unidas (ONU).

leptospirose), dos quadros que se agravam pela falta de acesso a cuidados (como diabetes, hipertensão e outras doenças crônicas), dos distúrbios mentais que se multiplicam, como o estresse pós-traumático.

São dramas que acompanhamos com uma frequência cada vez maior e deixam evidente a absoluta falta de preparo dos sistemas de saúde para lidar com os impactos das mudanças climáticas. E evidenciam também sobre quem recai o maior peso dos efeitos devastadores desse “novo normal”: as populações mais vulneráveis.

Belém está entre as capitais com elevado risco climático. Entre 1970 e 2023, a temperatura máxima em Belém aumentou cerca de 1,9°C e houve mais de 50 alagamentos em bairro periféricos. Os riscos recaem sobre comunidades ribeirinhas e de palafitas

Na COP30, a primeira a ser realizada na região amazônica, o mundo poderá entender e reconhecer isso de maneira bastante clara. Belém figura entre as capitais brasileiras com elevado risco climático, segundo o estudo Cidades, Vulnerabilidades e Adaptação, da Universidade Federal do Pará. Um estudo divulgado pelo Amazônia Vox, com base em dados do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) e pesquisa da UFPA, indica que, entre 1970 e 2023, a temperatura máxima em Belém aumentou cerca de 1,9°C. Além disso, houve mais de 50 alagamentos em bairros periféricos apenas este ano (Defesa Civil de Belém) e a região vem passando por uma gradativa elevação do nível do mar que, segundo estimativas, pode afetar 15% da malha urbana da cidade até 2100 (Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas).

São condições cujos riscos recaem com uma carga imensamente sobre as comunidades ribeirinhas e de palafitas, especialmente na região das ilhas; nas populações periféricas com infraestrutura precária e saneamento ausente; nos idosos, crianças e pessoas com doenças crônicas.

Como anfitrião, o Brasil pode e deve exercer um papel importante para fazer desta edição a COP em que a saúde é tratada não como uma consequência colateral das mudanças climáticas, mas como um eixo estruturante das soluções.

Temos sinais favoráveis no horizonte. Na quarta carta da Presidência da COP30, que propõe uma arquitetura para a Ação Climática Global organizada em seis grandes eixos temáticos, a promoção de serviços de saúde resilientes aparece como um dos objetivos-chave do eixo 5 (Promoção do Desenvolvimento Humano e Social). Além disso, em maio, em evento paralelo à 78ª Assembleia Mundial da Saúde, em Genebra, o Ministério da Saúde apresentou a proposta do Plano de Ação de Belém para a Adaptação do Setor de Saúde às Mudanças Climáticas, documento que deverá ser finalizado este mês para ser levado à COP30. Elaboração de uma lista de ameaças climáticas e riscos à saúde baseada em evidências científicas, capacitação de profissionais e adequação da infraestrutura de saúde estão entre os pontos.

As oportunidades estão postas. Poderemos sair da COP30 com compromissos concretos, inclusive em termos de financiamento, para tornar os sistemas de saúde mais resilientes às mudanças climáticas, investir em infraestrutura hospitalar sustentável, na integração de dados climáticos com vigilância epidemiológica, na proteção das comunidades mais vulneráveis e na efetiva cooperação entre setores, como meio ambiente, saúde, urbanismo e planejamento.

A COP30 é uma chance única de construirmos pontes entre sustentabilidade e cuidado com a vida. Não há justiça social sem justiça climática, e não há futuro sustentável sem sistemas de saúde fortalecidos e resilientes para lidar com os desafios do “novo normal” do clima. A saúde deve ser o ponto de convergência das soluções e não apenas um capítulo marginal. Em Belém, esperamos que a vida seja o centro da pauta. A omissão agora pode custar caro - em vidas e em recursos.